Contribuição à Linguística no Brasil: um projeto de vida

Miscelânea em homenagem a Claudia Roncarati

Darcilia Simões
Paulo Osório
Cecília Mollica
(Orgs.)

UERJ
Dialogarts
FAPERJ

2015

Copyright @ 2015 Darcilia Simões; Paulo Osório; Mª Cecília Mollica

Publicações Dialogarts
http://www.dialogarts.uerj.br
Organizadora e Editora do volume: Darcilia Simões
Co-coordenador do projeto: Flavio García
Coordenador de divulgação: Cláudio Cezar Henriques
Diagramação: Equipe LABSEM
Capa: Igor Cesar Rosa da Silva, Raphael Ribeiro Fernandes e Luiza Amaral Wenz
Revisão e preparação de textos: Darcilia Simões
Logo Dialogarts: Gisela Abad
CEH-UERJ- DEPEXT-SR3 — Publicações Dialogarts

FICHA CATALOGRÁFICA

R769c SIMÕES, Darcilia: OSÓRIO, Paulo; MOLLICA, Mª Cecília (Orgs.).
Contribuição à Linguística no Brasil: um projeto de vida. Miscelânea em homenagem a Claudia Roncarati. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015.
Publicações Dialogarts
Bibliografia
ISBN (digital) 978-85-8199-031-6
ISBN (impresso) 978-85-8199-032-3
1. Linguística 2. Dialetologia 3. Pesquisa. I. Darcilia Simões; Paulo Osório; Mª Cecília Mollica (Orgs.). II - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. III - Departamento de Extensão. IV. Título.
CDD
410.417

Índice para catálogo sistemático:
1. Dialetologia. Linguística histórica: Linguística. 410.417

O LÉXICO E AS CONSTRUÇÕES DO PORTUGUÊS DO BRASIL: UMA HOMENAGEM A CLAUDIA RONCARATI

Carlos Alexandre Victorio Gonçalves
(UFRJ/CNPq/FAPERJ)
Maria Lucia Leitão de Almeida
(UFRJ/NEMP)

Feliz serás e sábio terás sido se a morte, quando vier, não te puder tirar senão a vida.
Francisco Quevedo

O homem morre, mas sua obra permanece.
Augustin-Louis Cauchy

1. Palavras iniciais

O léxico das línguas, sua constituição e seu *status,* tem sido motivo de discordância em várias teorias linguísticas e sob diversos aspectos, dos quais pincelaremos alguns que interessarão mais diretamente à discussão feita neste texto. No estruturalismo saussureano, por exemplo, em decorrência do caráter objetivo da língua (a *langue*) e do entendimento de sistema linguístico como estrutura, mais que como significado, importa o *valor linguístico* do signo e as relações estabelecidas numa determinada sincronia. A constituição das palavras é observada a partir de suas regularidades nos paradigmas em que se encaixam.

Grosso modo, para o modelo gerativo clássico, o léxico se caracteriza por ser um repositório convecionalizado de itens linguísticos que os falantes devem aprender e isso o diferencia da gramática propriamente dita, gerada por regras que os falantes adquirem. Regras

também regem a formação de palavras, caracterizadas por suas regularidades (como casos de flexão e derivação), mas, como o léxico é composto por um enorme conjunto de palavras aparentemente sem relação, é também compreendido como o lugar dos "fora da lei" (DISCIULLO & WILLIAMS, 1987), para onde são deportadas as palavras "mal comportadas".

Em ambas as vertentes teóricas, vemos que, mesmo que Saussure tenha reconhecido a possibilidade de alguma motivação do signo linguístico (e o exemplo clássico é o do autor: *dezoito* é relativamente motivado por ser formado de signos pré-existentes, *dez* e *oito*), a principal característica das palavras é sua arbitrariedade; sob o outro ponto de vista, a característica básica das palavras é a previsibilidade dos itens morfologicamente complexos, de acordo com as regras depreendidas.

Essas palavras iniciais servem apenas de moldura para ressaltar o objetivo deste trabalho e seu objeto de estudo, visando a contribuir para o entendimento sobre o assunto, apresentando um olhar diferente. Os objetivos do presente trabalho são mostrar (a) a não existência de fronteiras rígidas entre os componentes gramaticais, bem como entre processos gramaticais de quaisquer naturezas; (b) a motivação das formações lexicais devido a pressões sócio-cognitivas; (c) a existência de esquemas construcionais (em oposição a regras); e, finalmente, (d) a função da habilidade cognitiva da analogia para a criação desses esquemas.

Para tal, debruçamo-nos em novos casos de sufixação, processos de composição (livres e aglutinativos) e processos não-concatenativos de formação de palavras: cruzamentos vocabulares (CV), substituições sublexicais (SSL) e famílias de palavras formadas por partes não-morfêmicas (*splinters*[54]). Como base de dados, usamos não só

[54] Bauer (2004: 77) assim define esse tipo de partícula: "splinter é uma parte de uma palavra que, devido a algumas reanálises da estrutura da palavra original, é

dicionários como o Aurélio e o Houaiss, mas, sobretudo, palavras colhidas em redes sociais e mesmo algumas elicitadas por busca na ferramenta eletrônica *Google*. Sob esse aspecto, nosso trabalho se caracteriza por ser qualitativo e se inscrever no paradigma atualmente chamado de Linguística do Uso.

2. Os pressupostos teóricos

2.1 A inexistência de fronteiras na gramática

Para sustentar nossos objetivos, partimos da afirmativa de Langacker (2008) de que a gramática é essencialmente simbólica, o que implica dizer que há um pareamento fundamental entre estrutura semântica e estrutura fonológica. A diferença dessa afirmação para a noção de signo saussureano é que por signo, na Gramática de Construções (GOLDBERG, 2006; GOLDBERG, 1995), entendem-se quaisquer estruturas linguísticas, em qualquer nível, não havendo, portanto, segmentação de níveis gramaticais. Se a gramática é simbólica e, por isso, evoca necessariamente padrões instanciados pelas formas, suas motivações são intrinsecamente cognitivas e, em função de sua organização não modular, não há diferença de funcionamento entre os chamados "componentes de gramática". Segundo o autor, *mais especificamente, léxico e gramática formam uma consistente gradação entre conjuntos da estrutura simbólica* (LANGACKER, 2008: 5).

Em sua argumentação, Langacker (2008) alega fatores simples e verificáveis por leigos, por sua obviedade aparente: por que a nossa espécie desenvolveria um sistema de linguagem independente de nossa conceptualização, de

---

interpretada como significativa e posteriormente utilizada na criação de novas palavras. Como exemplo familiar, considere a palavra 'alcoholic'. Em termos morfológicos, esse vocábulo é dividido em 'alcohol' e -ic. Mas essa palavra foi reanalisada como alc-oholic, e o novo splinter -oholic (variavelmente soletrado), em seguida, re-ocorre em palavras como chocoholic, spendaholic e shopoholic".

nossos sons, de nossos gestos? A consequência inevitável dessa constatação é a sensibilidade à questão teórica da autonomia da gramática (em relação a outros sistemas cognitivos e/ou outros sistemas de representação). Ora, para o autor, podemos ter uma hipótese forte dessa autonomia (como a que advoga que a sintaxe requer um conjunto especial de primitivos gramaticais, os quais não são redutíveis a nada mais fundamental) ou uma versão fraca – a da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987), de que a gramática não pode ser completamente preditível desprezando fatores independentes (principalmente sentidos e restrições comunicativas). Só sob esse aspecto podemos entender as instanciações, em (01), a seguir, da expressão interjetiva "O que você está fazendo X-ndo":

(01) O que você está fazendo fumando?
bebendo?
dançando?
dormindo?

Essa expressão, estudada por Kay & Fillmore (1997) em inglês ("What are you doing X-ing"), como em português, seria, em princípio agramatical (dois gerúndios encaixados). Entretanto, é uma construção gramatical, nos termos acima, definida como signo, que traz o sentido de indignação/surpresa do interlocutor para com o ato definido pelo X da sentença e que foi convencionalizada como tal.

Assim como ocorre na sintaxe, palavras são formadas por motivações sócio-cognitivas, podendo criar construções semiabertas (parte da construção fica fixa, enquanto outra se torna variável) em que X (como no exemplo anterior) é preenchida por elementos compatíveis com o sentido da construção como um todo. Tomemos, por exemplo, as famílias formadas por porções não-morfêmicas (os chamados *splinters*), como *-drasta* e *-trocínio*. As palavras-

fonte (*madrasta* e *patrocínio*) serviram de *input* para as novas formações, como as listadas em (02) e (03), a seguir, extraídas de Gonçalves (2011a):

(02) mãedrasta, sogradrasta, vódrasta

(03) eutrocínio, paitrocínio e tiotrocínio

Então, o significado *parente não consanguíneo* e *financiamento* especializaram-se na borda direita da palavra morfologicamente complexa, a parte fixa, enquanto a porção à esquerda foi transformada em variável, X, preenchível por item semântico-fonológico compatível com a ideia e com a forma do elemento à direita.

2.2 Motivações para a criação lexical

É bastante conhecida a integração da Linguística Cognitiva (LC) com o chamado Realismo Experiencial (LAKOFF, 1987; LAKOFF & JOHNSON, 1999, *inter alia*). Em resumo, vivemos num mundo real que apreendemos por meio de experiências sensóreo-corporais (a chamada corporificação) e tal fato se reflete na linguagem. Os trabalhos de Ferreira (2010), Marques (2012) e Higino da Silva (2011) sobre as lexias, compostas ou não, com base, respectivamente, em *cabeça, mão* e *pé* em PB comprovam a hipótese da corporificação da linguagem. Assim é que o "cabeça da turma" é o seu líder, que a expressão "me dá uma mão" significa pedir ajuda e que, ainda, "perdi o pé da situação" implica dizer que se perdeu o controle, o apoio, a base, entre muitos outros exemplos.

Entretanto, como bem observa Langacker (2008: 525), "nossa vida mental transcende os limites da experiência corporal imediata. Há vários processos cognitivos que se desenvolvem em nossas estruturas mentais, em sucessivos níveis de organização, cujas conexões são cada vez mais e mais remotas". Além disso, o mundo real em que vivemos envolve também experiências sociais e culturais (BROWN, 2002). Nesse sentido, a

cognição, como bem formulou, sobretudo, Tomasello (2003), também é culturalmente estabelecida. Estamos falando, então, de categorização dessas experiências, tal como a percebemos.

A aquisição da linguagem, que é inata também nessa perspectiva teórica, envolve a abstração de unidades linguísticas a partir dos eventos de uso. Tais itens, uma vez adquiridos, transcendem o evento inicial e vão podendo ser usados em novas situações, provocando um efeito de mão dupla entre língua e realidade (CROFT & CRUSE, 2004). Se, por um lado, o uso de certa palavra categoriza e realça aspectos de como a aquela realidade é vista pelo falante, por outro, é oferecida ao ouvinte uma realidade que exibe uma certa configuração. Os processos morfológicos de cruzamento vocabular (CV) e de substituição sublexical (SSL), amplamente analisados em Gonçalves, Andrade & Almeida (2010), iluminam essa perspectiva. Observemos os exemplos de CVs em (04), a seguir:

(04)
(a) cantriz (cantora + atriz = "cantora que atua" ou "atriz que canta")
(b) crionça (criança + onça = "criança muito rebelde")
(c) portunhol (português + espanhol = "espanhol com traços de português")
(d) crentino (crente + cretino = "evangélico com conduta religiosa duvidosa").

Interessante observar que as palavras usadas fazem parte do repertório do falante (e da comunidade de fala), mas suas instanciações refletem uma nova maneira de categorizar a realidade, quer seja a de um novo tipo de *performance* artística (04a); quer seja a de um comportamento infantil (04b), ou da observação de um desempenho linguístico (04 c) ou mesmo de uma perspectiva particular do falante a respeito de certa conduta (04 d). Similarmente, as SSLs *sucolé* (suco congelado como sorvete em saquinhos) e *trêbado* (pessoa muito alcoolizada) expressam novas categorizações que indicam, ambas, a

subjetificação da linguagem.

Nesse ponto do texto, pode-se considerar que estamos falando de processos que são de fato idiossincráticos e que deveriam mesmo ser considerados "fora da lei", como queriam Di Sciullo & William (1987), mas a observação de processos "tradicionais", aqueles normalmente vistos como regulares, revela que esses em nada diferem, no tocante ao uso criativo da língua, dos oriundos de CVs e SSLs.

Assim, passemos a considerar casos de composição e de derivação por sufixação. Os compostos aglutinativos formados por elementos neoclássicos em segunda posição, em formações atuais do português brasileiro, como X-latra, X-dromo e X-metro, vem sendo estudadas por Gonçalves (2011b). O falante é exposto a uma série de ocorrências em que, por exemplo, a terminação *-ólogo* representa o especialista – *odontólogo, pneumólogo, geólogo, museólogo* etc. – que trabalha com – *dentes, pulmões, terra, museu*. Com base nessa experiência, o falante cria as expressões atuais *cervejólogo*, *mulherólogo* e *mulatólogo*, entre outras.

Voltemos, então, à explicação de Langacker (2009), que propõe como hipótese de trabalho que as unidades linguísticas têm a mesma natureza básica que a existente nas ocorrências de que são abstraídas. Como padrões recorrentes, são necessariamente seletivas em relação a qualquer expressão manifestada num particular evento de fala. Essa seletividade se dá em relação a dois aspectos, fundamentalmente: (a) corresponde somente a algumas facetas da expressão de que faz parte e (b) com essas facetas especifica detalhes da ocorrência atual. Dito de maneira mais clara, o formativo *-ólogo*, nas construções mais clássicas, como as acima comentadas, já consagradas pelo uso, especifica o especialista com formação técnico-científica em relação à entidade referida pela base (dente, pulmão, terra, museu). A operação de seleção ressalta o tipo de conhecimento possível de se ter da entidade referida na

base, agora não necessariamente adquirido via educação formal, mas a partir de experiências possíveis, e não iguais entre si, do referido na base. Assim, um *cervejólogo* entende de cerveja mais pela apreciação da bebida que por descrições como o modo de preparo, o teor alcoólico e o tipo de fermentação, entre outros aspectos possíveis que constituem esse saber. As facetas que caracterizarão *mulherólogo* e *mulatólogo*, por sua vez, serão aquelas adequadas ao objeto referido. Na realidade, estamos falando que é feito um ajuste focal entre os elementos morfológicos de cada ocorrência.

Caso interessante de observar sobre derivação sufixal, na mesma ótica (recorrência de padrões independentemente do tipo de fenômeno) é o caso do sufixo *-udo*, que regularmente formou palavras pejorativas que acentuavam parte do corpo humano – *narigudo, barrigudo, orelhudo*, entre outros. Atualmente, o termo *crackudo* vem sendo usado para os usuários contumazes de *crack*, com a acentuação da faceta de elemento deformador de comportamento, ressaltando o que há de excessivo no consumo.

Outro caso interessante é o de *-ete*, referenciado em Gonçalves (2005). Formas mais antigas em *-ete* datam do final do Século XIX (CUNHA, 1975) e são interpretadas como diminutivas pela maior parte dos autores, como, p. ex., Coutinho, 1973; Bechara, 1983; Cunha & Cintra, 1985. Nos dicionários, analisa-se tal sufixo como formador de substantivos femininos. Seu primeiro registro, no entanto, consta do séc. XVI, a palavra *canivete* (BUENO, 1988). De acordo com o Houaiss eletrônico (2007), formas terminadas em *-ete* entram na língua sobretudo no séc. XIX, por meio de palavras oriundas de outras línguas: são galicismos, como *tablete* (1924) e *garçonete* (1975), anglicismos, como *basquete* (1923) e *chiclete* (1933), e italianismos, como *confete* (1910) e *espaguete* (1903). Para o dicionarista, *-ete* também é empregado "com sentido de exotismo" em palavras como *vedete* (1920) e *tiete* (1960).

Não há qualquer menção ao sufixo em manuais de morfologia do português, nem mesmo em Sandmann (1985), o que pode sinalizar a possível improdutividade desse formativo.

Como explicar os recentes usos de *-ete* se o sufixo não é vernáculo e a grande maioria das formações mais antigas é totalmente opaca em termos de estruturação morfológica? Como justificar as acepções "dançarina do programa (de) X" e "admiradora fanática de X", se as formações mais antigas não remetem a esses significados?

Ao que tudo indica, o gatilho para a criação de formas como *hagazete* (dançarina do Programa *H*) é '*chacrete'*, nome dado às bailarinas que atuavam no programa do animador de televisão Abelardo Barbosa, o Chacrinha (1918-1988): "E nos espelhos ela se despe, / Dança nos olhos uma *chacrete*[55] /E o pessoal na pior: Repete!" (Ivan Lins, *Dinorah*). Esse nome, no entanto, parece ter-se espelhado em 'vedete', termo usado em referência às atrizes que, no teatro de revista, "sobressaíam durante as apresentações e que se constituíam, muitas vezes, no grande atrativo destas"[56] ou que "apresentavam espetáculo teatral composto de números falados, musicais coreográficos e humorismo, exibindo a beleza do corpo com pouca roupa de forma exuberante"[57].

A forma 'tiete'[58], por sua vez, apesar de monomorfêmica, parece ter desencadeado a produção de palavras como *neymarzete* (fã do jogador Neymar) e lulete (admiradora do ex-presidente Lula), já que significa "admirador ou admiradora fanática de alguém,

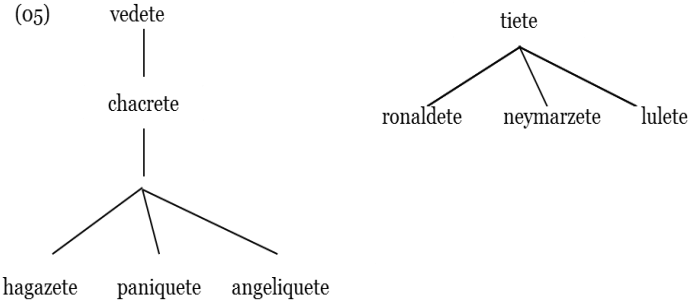
[55] Grifo do autor.

[56] www.pt.wikipedia.org/wiki/Vedete Acesso em 30/10/2014.

[57] www.dicionarioinformal.com.br/vedete Acesso em 30/10/2014.

[58] De acordo com o Houaiss eletrônico (2007), a palavra 'tiete' surgiu no final da década de 70 para designar as admiradoras (fãs) do cantor Ney Matogrosso e mais tarde tornou-se sinônimo de admirador fanático de qualquer artista, celebridade ou personalidade importante de determinada área.

especialmente um artista, desportista ou político; pessoa que tem grande afeição ou demonstra grande interesse por (alguém ou algo)"[59]. Em (05), a seguir, representa-se o possível caminho para as formações agora instanciadas pelo esquema [$[x]_{S\ j}$ ete$]_{S\ i}$, cuja formalização será devidamente comentada em 2.3, na sequência.



Esquema 1 – Exemplos de formações com -ete

Plag (1999: 20) afirma que "formações analógicas devem ser distinguidas de instanciações de regras produtivas". No entanto, uma formação analógica isolada pode dar origem a um novo afixo e, em decorrência, a um esquema produtivo. Desse modo, como argumenta Szymanek (2005: 431), "não parece possível ou apropriado dissociar completamente ambos os conceitos, ou seja, analogia e (alta) produtividade". Como se vê, formações analógicas podem estar na base de novos usos para afixos antes improdutivos e, nesse sentido, não podem ser inteiramente dissociadas das instanciações por padrões produtivos.

Situação semelhante à de *-ete* vem ocorrendo com a sequência *-cídio*, já em franco processo de morfologização.

[59] www.dicionarioinformal.com.br/tiete Acesso em 30/10/2014.

Formas antigas em -cídio apresentam uma base presa na primeira posição, na qual se especifica o paciente da execução, a exemplo de *suicídio* (assassinato de si próprio), *homicídio* (execução de outrem) e *fratricídio* (matança de irmão). Acreditamos que a grande maioria dessas bases não é reconhecida pelo falante comum, que, no entanto, por perceber a relação semântica entre formas X-cídio, cria, por analogia, palavras como *baraticídio* (matança de baratas), *burrícidio* (assassínio de ignorantes) e *sincericídio* (suicídio por sinceridade em excesso). Essas novas formações revelam que SSLs têm o poder de atuar sobre formações eruditas, (1) nivelando bases opacas e transparentes ('sui-' e 'burr-') e (2) dando *status* de afixo a um radical preso ('cídio').

2.3 O léxico e a noção de esquema

De acordo com Basilio (2011: 02),

> o léxico pode ser entendido como um espaço de formas simbólicas, isto é, formas que se associam a conceitos. Essas formas, as unidades lexicais, cujas possibilidades de evocação são infinitas, dependendo de circunstância que podem envolver desde a história da língua e a história dos falantes envolvidos numa situação lingüística e sociocultural, até relações entre formas e suas potenciais evocações, são usadas na construção de enunciados lingüísticos.

Convergindo com essa definição, entendemos que formas morfologicamente complexas são esquemas que propiciam diversas instanciações, pois, tal como Basílio (2011), abraçamos a ideia de que (a) itens evocam conceitos e (b) essa evocação é situada linguística e socioculturalmente. As instanciações, no entanto, não serão exatamente iguais, por não obedecerem ao princípio da composicionalidade, sendo submetidas a ajustes focais e sujeitas a outras operações de língua em uso, como seleção,

focalização, perspectização e relevância (LANGACKER, 1987).

Inaugurando um paradigma que chama de Morfologia Construcional (*Construction Morphology*), Booij (2005) mostra que as unidades linguísticas são estruturas simbólicas convencionais, não havendo, por isso mesmo, diferença considerável entre palavras derivadas (*surf-ista*), compostos (*bolsa-família*) e expressões semiabertas (*pé-de-X*): *todas essas unidades, que são complexas, podem, igualmente, ser analisadas, em suas estruturas de formação, por meio de esquemas construcionais* (GONÇALVES & ALMEIDA, 2012: 110).

Nessa mesma linha de raciocínio, observa Basílio (2010: 20) que "deixa de ser crucial a questão de determinar, por exemplo, se um composto é ou não uma palavra; ou se uma construção é composta ou prefixada". Destaca, ainda, que as palavras com mais de um formativo são "unidades simbólicas complexas convencionais, cujas propriedades comuns podem ser representadas em esquemas construcionais, desde os mais especificados, como $[[Xizar]_V$-ção$]_N$ até os mais abstratos como $[N\text{-}N]_N$" (BASÍLIO, 2010: 21).

Booij (2010), com base no quadro teórico da Morfologia Construcional, postula que a semelhança estrutural entre composição e derivação pode ser expressa por meio de esquemas de formação de palavras que generalizam conjuntos de palavras existentes e podem ser usados para formar novas palavras. Por exemplo, em português, palavras complexas são formadas, muito frequentemente, por meio de composição, sufixação e prefixação. Esses padrões morfológicos podem ser ilustrados pelos seguintes esquemas, que Gonçalves & Almeida (2012) adaptaram para o português[60]:

[60] Nos esquemas em (06), as variáveis X e Y representam sequências fonológicas e os subscritos *x* e *y*, categorias lexicais. Nas palavras de

(06)

composição:	$[\,[X]_{x}\,[Y]_{y}\,]_{N}$
prefixação:	$[\,X\,[Y]_{y}\,]_{y}$
sufixação:	$[\,[X]_{x}\,Y_{y}\,]_{y}$

Esses esquemas fazem parte do léxico mental do falante nativo e representam o pareamento da estrutura formal com a semântica das palavras complexas, uma vez que, nas palavras de Booij (2005: 130),

> A forte semelhança entre derivação e composição pode ser responsável pela adoção de um modelo de descrição baseado na teoria da Morfologia Construcional. Padrões derivacionais e sub-padrões de composição são construções idiomáticas, esquemas intermediários entre as palavras complexas individuais no léxico e esquemas de formação de palavras mais abstratos.

Nas palavras de Langacker (2008: 215), *esquemas são abstraídos de expressões que ocorrem e podem ser utilizadas na construção e na compreensão* de *novas expressões*. Desse modo, como a Linguística Cognitiva é baseada no uso, quaisquer unidades linguísticas são esquemáticas tanto em relação à fonte do evento quanto em relação aos eventos em que ocorrem (GONÇALVES &

Gonçalves & Almeida (2012: 112), "o esquema dos compostos expressa a generalização de que a composição, independentemente da posição da cabeça lexical, sempre forma nomes em português (daí o subscrito $_{N}$)". Por sua vez, "o esquema da prefixação expressa que essa operação morfológica é neutra categorialmente, sendo a classe gramatical das palavras prefixadas idêntica à de sua base, que constitui a cabeça" (p. 113). No caso da sufixação, no entanto, "o elemento preso porta informação sintática e constitui cabeça lexical, por determinar tanto a categoria sintática quanto o gênero do produto" (p. 113).

ALMEIDA, 2012: 116). Tomemos como exemplo a palavra portuguesa maionese, que designa "espécie de molho frio, composto de azeite, vinagre, sal, pimenta, mostarda e ovos batido". Essa fonte, com seu contexto, serviu de esquema para a construção do sentido de palavras que começaram a circular na língua, como macarronese (salada de maionese feita com macarrão) e ovonese (salada de ovos misturada com maionese). Em decorrência, -nese, de mero pé nuclear na palavra-fonte e, consequentemente, uma sequência não-morfêmica, passou a designar "maionese" em formações morfologicamente complexas, fixando-se à direita e, por isso mesmo, comportando-se como sufixo em termos de posição na estrutura da palavra. As formações X-nese podem ser representadas pelo seguinte esquema parcialmente especificado, instanciação do esquema geral de nomes sufixados apresentados em (06):

(07) $[\,[X]_{x}\ \text{nese}]_{S}$

2.4. A função da habilidade cognitiva da analogia para a criação de esquemas

A analogia é entendida pelo senso comum como uma comparação, que aparece quando o usuário da língua diz coisas como "vou fazer uma analogia de A com B". A analogia, em Linguística, classicamente aparece como *modelo exemplar*, "uma fôrma", em oposição às posições defendidas pelos anomalistas. Já em Saussure, a analogia é entendida como a quarta proporcional, relação estabelecida entre termos de modo tal que um elemento A (suponhamos o número 2) está para outro B (suponhamos 6) como outro C (4, por exemplo) estaria para o elemento D (12). Então, a relação de triplo é mantida em todas as correspondências.

Diferentemente ocorre na Linguística Cognitiva que, ao buscar capturar os mecanismos cognitivos e princípios que licenciam a formação e uso de unidades linguísticas de vários graus de complexidade, parte do pressuposto

essencial da centralidade das experiências corpóreo-sensoriais. Assim, a analogia que é tomada por Fauconnier & Turner (2002) como uma das ralações vitais, ou seja, habilidade essencial para o raciocínio humano (aquele mais fundamental, governado por aquilo que os autores chamam metaforicamente de "a mão invisível") é baseada nessas capacidades de percepção que envolvem, por sua natureza, saliência perceptual, seletividade de aspectos e monitoramento do foco de atenção. Só assim concebida, podemos compreender o que se entende por esquema e esquematização em linguística cognitiva e, consequentemente, em nosso trabalho.

No exemplo clássico de Fauconnier (1985), em (08), a seguir,

(08) Se a Île de France é o coração de Paris, então o Sena é sua aorta,

abstraem-se os aspectos da água poluída do Sena, bem como as pontes que o atravessam, assim como do domínio biológico são abstraídas a velocidade de circulação do sangue e a capacidade de bombeamento do coração para que o líquido circule. Em foco, estão a centralidade e a importância de ambas as entidades (a Île de France e o coração) em relação ao seu respectivo todo (Paris e o corpo humano) e são esses aspectos colocados em correlação, dada a intenção do falante para que se construa a conceptualização intentada.

Interessante notar que equívocos de falantes que não dominam certos itens lexicais, como '*íngreme', 'cacife'* e '*fígado'*, por exemplo, licenciam expressões como as apresentadas em (09):

(09) Subi uma ladeira muito *íngride*

Fulano não tem *cacique* para isso

Comprei *figo* para fazer acebolado.

Os aspectos fonológicos salientes perceptualmente

são aqueles que sustentam a produção. Tais processos analógicos subjacentes podem ser usados criativamente pelo falante, como na seguinte expressão corrente:

> (10) Não sou petulante, mas sou pernóstica e abundante.

Na expressão em (10), o falante busca elicitar partes do corpo, como *peito, perna* e *bunda*, de modo divertido, por meio de palavras atributivas que sugerem um constituinte morfológico tipo *radical* que as focalizem. Se a primeira era, pois, uma analogia de natureza fonológica e a segunda, morfológica, podemos ter outras, que são caracteristicamente semânticas, como a nomeação do usuário de *crack* através da forma *crackudo*. Se a língua oferece o sufixo *-eiro*, por exemplo, para agentivos com caráter pejorativo, como em *maconheiro, funqueiro* e pagodeiro, por que a comunidade de fala fez uso aparentemente idiossincrático de *-udo* para esse usuário, se *-udo* diz respeito a partes de corpo e não a comportamentos?

A hipótese é que a analogia subjacente a essa formação é a intenção de sublinhar o caráter de deformação em *crackudo*, quase um defeito pelo excesso (como *orelhudo, peitudo* e *beiçudo*). A formação *crackeiro*, que não referencia o usuário contumaz, autodestrutivo, não capturaria os aspectos supracitados. *Crackudo* sobressai, portanto, como a melhor opção para o usuário da droga, quase sempre caracterizado por um aspecto físico deplorável.

Defendemos, então, que há analogias formais (as baseadas em saliências fonológicas e morfológicas) e semânticas (que acentuam aspectos conceituais inesperados). Vemos, entretanto, que os esquemas baseados em analogias que articulam ambos os aspectos são aqueles mais bem sucedidos, que se tornam produtivos, como as que formam famílias como as de *-ete* e dos vários casos da substituição sublexical, como as em -drasta

e -cídio, por exemplo.

Podemos concluir, portanto, que a esquematização resulta dessa habilidade cognitiva de analogia. Com Evans (2007), entendemos a esquematização como um tipo especial de abstração que permite representações muito menos detalhadas que os eventos de uso dos quais são abstraídas. A esquematização, baseada na analogia, resulta no esquema e, dadas as suas características, permite, então, a polissemia. Observe-se, ainda, que se o processo analógico que sustenta os esquemas fosse não-flexível, como os anteriormente citados, a polissemia não seria possível.

3. Considerações finais

Com base em formações lexicais recentes do português brasileiro, procuramos mostrar, no decorrer deste texto, que (a) não existem fronteiras rígidas entre os chamados níveis de descrição linguística (morfologia, sintaxe, semântica) e entre processos gramaticais de um mesmo nível (composição, derivação, cruzamento vocabular, substituição sublexical); (b) a motivação das formações lexicais é fundamentalmente sócio-cognitiva; (c) esquemas construcionais de diferentes graus de complexidade respondem pela estruturação e pela formação de palavras complexas (BOOIJ, 2005); e, finalmente, (d) a habilidade cognitiva da analogia sustenta criação desses esquemas.

Essas afirmativas desenvolvem-se na constatação de Langacker (2008; 2009) de que todos os itens gramaticais – incluindo o léxico – são significativos e de que a gramática (entendida aqui como um *continuum*, desprovido de fronteiras entre os componentes) permite-nos construir e simbolizar os mais elaborados significados de expressões complexas (derivados, compostos, expressões idiomáticas e sentenças) por meio das mesmas rotinas cognitivas. Esse é, então, um aspecto essencial do aparato conceptual por meio

do qual nós apreendemos e nos envolvemos no/com o mundo. Assim é que os exemplos citados são todos atestados pelo uso, o que evidencia a pressão da comunidade falante, com seus valores e percepções, lançando mão de recursos linguísticos disponíveis para criar novos itens.

Constatamos, ainda, que a gramática é significativa e que, especificamente, expressões e usos idiomáticos podem ser descritos como todos os outros considerados regulares – tanto os convencionalizados como as novas formações com elementos morfológicos efetivamente gramaticalizados (-*ólogo*, -*cídio*) ou em franco processo de gramaticalização (-*ete*, -*drasta*, -*trocínio*).

Finalmente, buscamos esclarecer o papel da habilidade cognitiva da analogia, diferenciado-a de outros conceitos a ela associados tradicionalmente, ao mesmo tempo em que identificamos seu papel na esquematização e na formação de esquemas. Para tal, lançamos mão da Teoria das Mesclas (FAUCONNIER & TURNER, 2002), mais especificamente do processo de mapeamento e do modo como são construídos os espaços genéricos: naquilo que é abstraído como comum aos dois espaços-*input*. Então, de algum modo, pudemos entender os esquemas e suas várias instanciações como operações analógicas. Esperamos, com isso, ter cumprido com nossos objetivos para a discussão e o entendimento dos processos constitutivos do léxico.

Referências

BASÍLIO, M. 2010. "Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares". In *Linguística* (Rio de Janeiro), v. 6, p. 11-26.

BASILIO, M. 2011. "*Das relações entre texto, gramática e cognição: foco na cognição*". Trabalho apresentado no GT Descrição do Português (ANPOOL). (inédito).

BAUER, L. 2004. *A Glossary of Morphology*. Washington, DC. Georgetown Univ. Press.

BAUER, L. 2005. "The Borderline between Derivation and Compounding". In W. Dressler et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. pp. 97-108.

BECHARA, E. 1983. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Grifo.

BOOIJ, G. 2005. "Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology". In W. DRESSLER et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. pp. 109-131.

BOOIJ, G. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BROWN, P. 2002. Language as a model for culture. In King, B. and Fox, R. (eds.). *Anthopology beyond culture*. Oxford: Berg. pp169-192.

BUENO, Francisco da Silveira. 1988.Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa. São Paulo: Lisa.

COUTINHO, I. L. 1973.*Pontos de gramática histórica*. *R*io de Janeiro: Ao livro técnico.

CROFT, W. & CRUISE, J. 2004.*Cognitive Linguistics*. Oxford: University Press.

CUNHA, A. G. 1975.*Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

CUNHA, C. & CINTRA, L. 1985. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

DI SCIULLO, A. & WILLIAMS, E. *On definition of word*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

EVANS, V. 2007. *A glossary of cognitive linguistics*. Utah: University of Utah Press.

FAUCONNIER, M. 1985. Mental spaces. Cambridge: Cambridge University Press.

FAUCONNIER, G. & TURNER, M. 2002. The way we think. Conceptual blending and the mind hidden complexities. New York: Basic Books.

FERREIRA, R. G. 2010. A hipótese de corporificação da língua: o caso de cabeça. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

GOLDBERG, A. 2006. *Constructions at work. The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press.

GOLDBERG, A. 1995. Constructions: a construction grammar approach to argument structure. Chicago; London: The University of Chicago Press.

GONÇALVES, C. A. V. 2011a. "Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos". In Domínios de Lingu@gem, 5, p. 62-89, nov.

GONÇALVES, C. A. 2011b. "Compostos Neoclássicos: Estrutura e Formação". REVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem, Porto Alegre, 9 (especial): 5-37.

GONÇALVES, C. A. V. 2005. Flexão e derivação em português. São Paulo: Contexto.

GONÇALVES, C. A. & ALMEIDA, M. L. L. 2012. "Por uma Cibermofologia: Abordagem Morfossemântica dos Xenoconstituintes em Português". In MOLLICA, M. C. & GONZALEZ, M. (orgs.) Linguística e Ciência da Informação: Diálogos Possíveis. Curitiba: Appris, p. 105-127.

GONÇALVES, C. A.; ANDRADE, K. E.; ALMEIDA, M. L. L. 2010. "Se a macumba é para o bem, então é boacumba: análise morfoprosódica e semântico-cognitiva da substituição sublexical em português". In Linguística (Rio de Janeiro), v. 6, p. 64-82.

HIGINO da SILVA, N. 2011. Metáfora e metonímia nas construções com 'pé': uma abordagem cognitivista. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de

Janeiro.

HOUAISS, A. 2007.Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva.

KAY, P. & FILLMORE, C. J. 1997. Grammatical Constructions and Linguistic Generalizations: the What's X doing Y? Construction. New York: Basic Books.

LAKOFF, G. 1987. Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind. Chicago: Chicago University Press.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. 1999. Philosofy int the flesh: the embodied mind and it chanllenge to estern thought. New York: Basic Books.

LANGACKER, R. W. 2009. A dynamic view of usage and language acquisition. Cognitve Linguistics, 20-3: 627-640.

LANGACKER, R. 2008. Cognitive grammar. Oxford: Oxford University Press.

LANGACKER, R. W. 1987. Foundations of cognitive grammar. v. I: theoretical prerequisites. Stanford: University Press.

MARQUES, M. O. 2012. Compostos integrados, compostos semi-integrados e construções idiomáticas: uma abordagem cognitivista das construções com 'mão' no PB. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PLAG, I. 1999. Morphological Productivity: structural constraints in English Derivation. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

SANDMANN, A. J. 1985. Formação de palavras no português contemporâneo brasileiro. Curitiba: Scentia & Labor.

SZYMANEK, B. 2005. The latest trends in english word-formation. In**:** Štekauer, P. & Lieber, R. (eds.). *The Handbook of Word-Formation*. Netherlands: Springer, 429-448.

TOMASELLO, M. 2003. Constructing a language: a used-based theory of language acquisition. Cambridge: Haward University Press.